

O TEMA DA MALDADE NA TRILOGIA ESPACIAL DE C. S. LEWIS

Arthur Barboza Ferreira¹

Resumo:

Entre 1938 e 1945, C. S. Lewis publica os três romances constituintes de sua chamada *Space Trilogy* ou *Trilogia Espacial*: *Out of the Silent Planet*, *Perelandra* e *That Hideous Strength*. Um dos temas centrais da *Trilogia* é o tema da maldade. Quando examinada cuidadosamente, a maldade se afigura multifacetada e complexa. Este artigo tenciona descrevê-la, em parte à luz da intertextualidade entre a *Trilogia* e *The War of the Worlds* (*Guerra dos Mundos*) de H. G. Wells e passagens específicas de *Gênesis* (Lewis era cristão); e em parte à luz dos contrastes da *Trilogia* com o romance *A Wrinkle in Time* (*Uma Dobra no Tempo*) de Madeleine L'Engle. Conclui-se que a maldade na *Trilogia* pode ser relacionada a 1) uma visão de mundo caracterizada por certa concepção de tempo linear; 2) à noção darwiniana de luta pela vida (presente no romance de Wells); 3) ao mito bíblico da Queda. Outrossim, conclui-se que a maldade se manifesta recorrentemente na ficção de Lewis através de violência física, especialmente contra animais, e que ela é irreversível e irremediável.

Palavras-chave: C. S. Lewis, *Trilogia Espacial*, maldade.

THE THEME OF EVIL IN C. S. LEWIS'S SPACE TRILOGY

Abstract:

Between 1938 and 1945, C. S. Lewis publishes the three novels constitutive of his "*Space Trilogy*": *Out of the Silent Planet*, *Perelandra* and *That Hideous Strength*. One of the central themes of the *Trilogy* is the theme of evil. When closely examined, evil appears to be both multifaceted and complex. This article intends to describe this "evil" partially in the light of the intertextuality between the *Trilogy* and *The War of the Worlds* by H. G. Wells and specific passages in *Genesis* (Lewis was a Christian); and partially in the light of the *Trilogy's* contrasts with the novel *A Wrinkle in Time* by Madeleine L'Engle. The conclusion is that evil in the *Trilogy* can be related 1) to a worldview characterized by a certain conception of linear time; 2) to the Darwinian notion of struggle for life (present in Wells's novel); c) to the biblical myth of the Fall. Furthermore, the article concludes that evil manifests in Lewis's fictional work repeatedly through violence, especially against animals, and that it is irreversible and irremediable.

Keywords: C. S. Lewis, *Space Trilogy*, evil.

¹ Formado em Letras - Bacharelado em Estudos Literários pela UFG. Atualmente, é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da UFG (Universidade Federal de Goiás).

Prolífico romancista de língua inglesa, C. S. Lewis (1898-1963) publica, entre 1938 e 1945, os três romances que constituem sua chamada *Space Trilogy* ou *Trilogia Espacial*: *Out of the Silent Planet* (*Além do Planeta Silencioso*), publicado em 1938, *Perelandra*, publicado em 1943 e *That Hideous Strength* (*Uma Força Medonha*), publicado em 1945. (Há tradução desses três livros para o português – ver LEWIS, 2010, 2011, 2012). Um tema atravessador da *Trilogia* é a maldade, incitadora de muitas reflexões pertinentes não só ao conjunto dos três romances, mas à obra em geral de Lewis.

Convém, antes de mais nada, remeter um pouco ao conteúdo de cada um dos três romances. *Out of The Silent Planet*, o primeiro livro da *Trilogia*, conta a aventura involuntária do filólogo Ransom para Marte (ou “Malacandra”), levado para lá à força pelo cientista Weston e pelo capitalista Devine, dois homens interessados em exploração espacial. A ideia de Weston e Devine é levar Ransom para servir de sacrifício aos marcianos, supostamente interessados em devorar humanos. Assim, segundo seu plano, angariariam eles permissão dos alienígenas para explorar o planeta. Lá, contudo, Ransom consegue escapar do cativeiro imposto por Weston e Devine e foge do suposto sacrifício que lhe espera. Após seus primeiros contatos com uma forma de vida semovente extraterrestre, Ransom percebe que ela possui uma fala articulada, uma língua. Paulatinamente, Ransom aprende sua língua; e, eventualmente, percebe não só haver vida inteligente fora da Terra, mas que são justamente os terráqueos, e não os marcianos, os seres violentos e degenerados habitando o sistema solar. Em sua condição de filólogo e professor universitário, Ransom põe-se a aprender as línguas faladas pelos marcianos. No entanto, após Weston e Devine serem impedidos em seus desígnios violentos, fica claro que está na hora de os três terráqueos voltarem ao seu planeta de origem. Piedosamente poupados pelos marcianos encabeçados pela sábia figura de Oyarsa, os três terráqueos recebem permissão e recursos para voltar para seu mundo natal.

O segundo livro da trilogia conta uma nova aventura vivida pelo filólogo Ransom. Após ter voltado de Marte, ou “Malacandra”, e ter aprendido a “língua solar” com os habitantes do planeta, Ransom é convocado por criaturas

conhecidas como *eldila* para uma aventura a Vênus, ou “Perelandra”, para cumprir a tarefa de defender o rei e a rainha residentes ali. A rainha é alvo das intenções e corrupções de um Weston possesso, que é combatido por Ransom espiritual e fisicamente.

O terceiro livro da trilogia muda as convenções até então estabelecidas. Adotando como espaço da narrativa a Terra, apresenta desta vez uma miríade de personagens, focando, sobretudo, na primeira metade da narrativa, em Jane e Mark, dois jovens recém-casados. Mark consegue um emprego numa instituição chamada “NICE” – National Institute of Coordinated Experiments ou, em português, “INEC” – Instituto Nacional de Experimentos Coordenados, cujos objetivos e procedimentos são suspeitos e pouco convencionais: o INEC dispõe, por exemplo, de uma polícia própria e aparenta objetivar dominação mundial, conquistando influência sobre a mídia de notícias e sobre a opinião pública. Jane, por seu turno, tem o dom da clarividência, e eventualmente torna-se membro dos Logres, encabeçados por Ransom, grupo opositor ao INEC. O INEC busca ampliar seus poderes tentando liberar o antigo mago Merlin de seu descanso secular. Quando o mago é levado ao instituto, ele logo trata de fugir e passa para o outro lado, o dos Logres. Sucede a isso uma batalha entre esses dois polos antagônicos. O romance sugere que há forças medonhas conduzindo a humanidade, e que elas podem, em parte, ser combatidas. Às medonhas forças do universo se opõem poderes de boa natureza, como a clarividência de Jane, os feitiços de Merlin e a sabedoria interplanetária de Ransom.

A leitura dos três romances sugere que, ao menos à época da publicação do primeiro dos três livros, Lewis não pretendia escrever uma trilogia, uma vez que cada livro apresenta projetos bem díspares. Por exemplo, o primeiro livro usa o *leitmotiv* da viagem espacial da ficção científica e formula uma resposta a *War of the Worlds* (1898) de H. G. Wells, pintando, diferentemente de Wells, marcianos benevolentes ao invés de beligerantes; o segundo livro, por sua vez, constrói uma alegoria, remetendo ao episódio bíblico da Queda, em *Gênesis* (cap. 3); já o terceiro livro assume um ar distópico, absorvendo também mitos medievais, como o do rei Artur e do mago Merlin. Contudo, apesar das

inegáveis diferenças entre as três obras, elas funcionam bem como unidade, não só porque o protagonista Ransom está presente em todas elas, mas porque alguns temas as perpassam. Um deles é a maldade.

À primeira vista, o fenômeno da maldade ao longo da *Trilogia* pode aparentar-se redutível a um esquema opositor de duas forças, “forças do bem” e “forças do mal”. No entanto, o fenômeno é mais complexo, apresentando várias facetas. Ao se considerar o primeiro livro da *Trilogia*, *Além do planeta silencioso*, a maldade aparenta manifestar-se na “dupla” Weston-Devine. Não obstante, esses dois homens, conquanto compartilhem o interesse comum no desenvolvimento prático de viagens espaciais, mostram ter atritos entre si e uma falta de camaradagem. Eles se comportam mais como cúmplices de crime ou acólitos do que como amigos ou semelhantes, formando um partido pouco harmônico. Mesmo fisicamente, os dois homens não se assemelham. Quando Ransom se depara pela primeira vez com a dupla, no capítulo 1, o narrador em terceira pessoa contrasta Weston, sujeito alto e corpulento, com Devine, indivíduo mais esguio e de menor estatura. O narrador também nota que a voz de Weston possuía “todas as qualidades que tão pesarosamente a Ransom lhe faltavam” (LEWIS, 2003a [1938], p. 14, tradução nossa). Weston, então, é o mais forte da dupla, mais forte que Devine, fazendo Ransom invejá-lo. Weston parece possuir também, pelas palavras do narrador, uma voz grave, profunda e vigorosa, que o destaca dos demais homens.

O contraste entre Weston e Devine se aprofunda ainda mais no tocante a seus ofícios e suas condutas um perante o outro. Weston é um importante físico, é “o” Weston, como diz Devine a Ransom no mesmo capítulo, ao lhe apresentar o ilustre cientista. Quando Devine apresenta, em seguida, seu velho conhecido Ransom a Weston, este interrompe as palavras do “colega” e expressa, com mau-humor, que não quer saber nada sobre o sujeito que invadiu sua propriedade. Weston, então, ao apresentar desinteresse por Ransom, mostra também desinteresse pelos conhecidos de seu “parceiro” Devine, e por extensão, pela própria vida de Devine. Essa conduta ilustra como Weston não tem consideração para com seu companheiro, nem o considera um verdadeiro amigo. O mesmo gesto impaciente é retribuído por Devine, no

capítulo seguinte: quando Weston começa a lembrar a Devine que eles estão arriscando suas vidas por uma grande causa, Devine o interrompe, dizendo: “Pelo amor de Deus, não venha com tudo isso agora” (*ibidem*, p. 21). Essa conduta recíproca entre Weston e Devine serve para mostrar como a dupla é um partido disfuncional e desarmônico. E essa desarmonia entre ambos não se manifesta somente em interrupções impacientes. No capítulo 1, após a intromissão de Ransom na propriedade de Weston, este observa que “A gente deveria ter um cachorro neste lugar”, e Devine retruca: “Você quer dizer que a gente deveria ter um cachorro se você não tivesse insistido em usar o Tartar para um experimento” (*ibidem*, p. 14). Um atrito se percebe aqui entre os dois. Em adição a esse atrito sugestivo, Devine explica a Ransom, no capítulo seguinte, sua relação com Weston, chamando-o não de amigo, mas de “um colega firme, decidido” (*ibidem*, p. 19). Devine explica a Ransom que está investindo em alguns experimentos de Weston: “É tudo coisa honesta e direita – a marcha do progresso e o bem da humanidade e essas coisas, mas tem um lado industrial” (*ibidem*, p. 19). Com essas palavras, fica fortemente sugerido que Devine é um homem de negócios, um empreendedor rico, e o único laço que efetivamente guarda com Weston é de ordem pecuniária. Weston tem por colega Devine pois este é o financiador de seus experimentos; Devine tem por colega Weston pois os experimentos deste podem expandir suas riquezas de capitalista. “Colegas”, não amigos.

Percebe-se, então, que a “dupla” Weston-Devine é impulsionada por motivações aparentemente distintas e mesmo opostas. A motivação do cientista Weston pode ser entendida, em contraste com Devine, como “altruísta”, porquanto envolve a disposição a arriscar sua própria vida pelo futuro da humanidade, e não se mostrar interessado em dinheiro. O desígnio de Weston é expandir o leque de habitações possíveis ao homem, já que o universo se lhe afigura um lugar perigoso, e a Terra, um lugar perecível nesse inóspito universo. Weston faz-se, portanto, um serviçal “generoso” para com o futuro de sua espécie. Contudo, esse seu altruísmo está a serviço apenas de uma projeção futura: a humanidade no porvir. Weston não mostra nenhuma compaixão para com seus coetâneos, sejam eles humanos ou não; ao invés,

ele exibe uma conduta hostil para com todos os tipos de vida, de pequenos animais terráqueos, como cachorros, até as formas de vida extraterrestres. Como Devine aponta, num dos trechos acima, Weston usa um cachorro chamado Tartar para um experimento, exigindo seu sacrifício. Weston é, então, um vilão um tanto paradoxal, fazendo-se um servo do futuro e do assim chamado “progresso” e se dispondo a sacrificar sua própria vida por tal causa. Devine, por seu turno, pode ser lido com um perfeito egoísta, valendo-se do discurso vago do “progresso” para justificar sua empreitada no campo potencialmente lucrativo e promissor das viagens espaciais. Contudo, cabe a pergunta: Devine acredita mesmo nesse discurso de progresso e futuro da humanidade? Ele parece realmente ser ingênuo o bastante para acreditar no discurso de progresso; entretanto, parece também malicioso o bastante para apenas utilizá-lo como justificativa conveniente para suas ambições econômicas. Feitas essas considerações, percebe-se a dubiedade e complexidade dessa “dupla”, a um só tempo unida e fraturada.

Ora, se Weston e Devine, os “vilões”, são efetivamente bem-intencionados, como se expôs acima (as intenções de Devine sendo um tanto dúbias), o que os tornaria, então, “maus”? A narrativa sugere que a maldade pode advir de boas intenções, tendo, contudo, uma base filosófica má. Algo que torna a dupla Weston- Devine maligna parece ser, ao invés de suas intenções, a sua concepção de tempo. A concepção de tempo para os dois personagens não é meramente a de um tempo linear, mas também a de um tempo sem fim. Fica implícito que, para eles, não haverá um “dia do Juízo Final”, como na concepção de tempo cristã do protagonista Ransom. Grosso modo, a concepção cristã entende a história como algo finito que, uma vez acabado, dará lugar a um eterno presente, após o chamado “Juízo Final”. Octavio Paz, no capítulo “A revolta do futuro”, de seu livro *Los hijos del limo – Os filhos do barro*, descreve a concepção de tempo cristã, contrastando-a com à de tempo moderno:

[...] Na sociedade cristã, o porvir estava condenado à morte: o triunfo do eterno presente, após o dia do Juízo Final, era, igualmente, o fim

do futuro. A modernidade inverte os termos: se o homem é história e só na história se realiza; se a história é tempo lançado ao futuro e o futuro é o lugar de eleição da perfeição; se a perfeição é relativa com relação ao porvir e absoluta frente ao passado... pois então o futuro se converte no centro da tríade temporal: é o ímã do presente e a pedra de toque do passado. Semelhante ao presente fixo do cristianismo, nosso futuro é eterno. (PAZ, 1990, p. 54, tradução nossa).

Com esse contraste, fica claro que o tempo do cristianismo é bastante diferente do “tempo moderno”, abraçado por Weston e (dubiamente) por Devine. É essa concepção de tempo moderno que impulsiona o plano de massacrar os marcianos, a fim de usar seu planeta como futuro *locus* para a vida humana. O futuro, na concepção moderna de tempo, é mais importante que o presente. Daí, para os bem-intencionados vilões, valeria a pena sacrificar inúmeras vidas presentes por esse futuro, à guisa de salvar a espécie humana.

A visão de mundo e tempo de Weston e Devine também se baseia em postulados darwinianos. A teoria da evolução postula que todas as formas de vida evoluídas já tiveram um ancestral comum. A teoria sugere uma linha do tempo cósmica de bilhões de anos, possibilitando os profundos contrastes entre as diversas formas de vida. Essa longa linha do tempo, comparada à linha do tempo cósmica do cristianismo, que atribui uns dez mil anos de história ao universo, sugere, por sua própria extensão alongada, uma história linear cuja linha reta não tem fim.

Convém também diferir a visão de tempo cristã da dos antigos. Os antigos, como Octavio Paz descreve no capítulo “A tradição da ruptura” do mesmo livro *Os filhos do barro*, entendiam o tempo como circular, e não linear como os cristãos. A própria revolução dos corpos celestes nos céus era um sinal de que a realidade negava a história e era circular. Os antigos tinham como tempo arquetípico um passado fixo, para além da história, um passado sempre presente. Esse passado absoluto negaria, para eles, a história. Pode-se ilustrar a exposição de Paz com as tragédias gregas, que exemplificam bem essa concepção antiga do tempo, ao colocarem em cena personagens

consagradas dos mitos gregos, como Hércules, Jasão, Odisseu etc., sugerindo a abolição da história e o triunfo de um eterno passado, sempre presente.

A propósito, Timothy J. Demy (2013) sublinha a concepção de tempo cristã na obra de C. S. Lewis, contrastando-a com a concepção de tempo dos antigos.

O conceito do progresso e o da natureza da condição humana foram integralmente relacionados no pensamento de Lewis. A perspectiva teológica de Lewis forneceu fronteiras para o potencial humano e para o curso da história humana. Quando ele olhava para a história humana, ele o fazia a partir de uma historiografia linear, ao invés de uma historiografia que fosse cíclica ou retrospectiva de uma idade de ouro. Ele acreditava que a história estava se movendo rumo a um final climático [...] (DEMY, 2013, p. T:44, tradução nossa).

O fenômeno da maldade na *Trilogia*, então, pode ser associado a uma concepção de tempo diferente da cristã, incitando homens como Weston e (dubiamente) Devine a projetar a colonização de outros planetas, amparados na concepção de tempo moderno (no qual o futuro é eterno e o componente mais importante da tríade temporal) e na concepção biológica darwiniana, segundo a qual seres biológicos são regidos por um impulso natural de luta pela vida, o que, na leitura de alguns, justificaria ações de barbárie e violência.

Há ainda, contudo, outra interpretação plausível ao se considerar o tema da maldade na *Trilogia*. Até aqui, foi exposto que a maldade está para além de uma simples oposição representável por um esquema do tipo “bem vs. mal”; que ela independe de uma intencionalidade má por parte das personagens (ela pode se nutrir de intenções aparentemente boas, como a de garantir o futuro da vida humana); que ela é associável à visão de tempo “moderna”, em oposição à “cristã”; e que ela tem elo com postulados darwinianos.

O elo entre a maldade e a concepção de tempo moderna não parece, contudo, ser o mais fértil e plausível para descrever o fenômeno da maldade na *Trilogia*, porquanto a visão teológica de Lewis entende, ainda, a maldade como inerente a todos os seres humanos, independentemente de suas concepções de tempo. Em sua visão de mundo cristã, a maldade não envolve somente os

infiéis, aqueles possuidores de outras visões de mundo ou de tempo, mas, em verdade, toda a humanidade. O mito da Queda, no capítulo 3 de *Gênesis*, conta a famosa narrativa do pecado original, cuja consequência mais imediata é a expulsão de Adão e Eva do jardim do Éden. A progênie dos dois torna-se, doravante, degenerada, decaída. E tal progênie decaída é logo ilustrada no capítulo subsequente (cap. 4), no qual Caim assassina seu irmão Abel.

Pode-se, com efeito, apontar que a ficção espacial de Lewis concebe a maldade como uma propriedade de toda a progênie de Adão e Eva, isto é, de todos os seres humanos, e não somente de modernos astronautas (Weston e Devine) ou de cientistas do INEC impulsionados por uma concepção de tempo moderna e postulados darwinianos. No capítulo 7 de *Uma Força Medonha*, o terceiro livro da *Trilogia*, Ransom diz a Jane, um tanto de passagem, que “... somos decaídos” (LEWIS, 1996 [1945], p. 45, tradução nossa). No capítulo 13, Ransom diz ao mago Merlin que há uma força medonha envolvendo toda a Terra e que o mundo inteiro está corrompido. Essa força medonha parece ser a mesma incitando Mark, marido de Jane, a trabalhar para o INEC e a aceitar seu ofício de escrever artigos para manipular a opinião pública. Portanto, a maldade – como fica claro sobremaneira no terceiro livro da *Trilogia*, cujo espaço narrativo é a Terra –, advém da própria humanidade, e não simplesmente da visão de tempo moderna presente nas personagens Weston e Devine em *Além do Planeta Silencioso*.

Menos significativa – porém digna de atenção – mostra-se a possessão diabólica sofrida por Weston em *Perelandra*. Nesse segundo livro da *Trilogia*, Weston, o cientista do livro anterior, torna-se uma marionete de forças diabólicas. Possesso no planeta Vênus, tenta manchar a pureza da Dama Verde, a rainha do mundo, buscando corrompê-la através de tentações, incitando-a a abandonar as ilhas flutuantes onde vive. Ransom, por sua vez, tem a tarefa de impedir que a Dama Verde caia nas tentações de Weston. Por fim, Weston é sobrepujado por Ransom. A maldade do cientista possuído, chamado eventualmente de “Não-Homem”, é refletida em seus hábitos incomuns, como o de não dormir. Como se diz em latim, *non dormit diabolus* – o diabo não dorme. A maldade do cientista também se manifesta em suas

tentativas de corromper a jovem e inocente Dama Verde, como a serpente em *Gênesis*. Remetendo ainda a narrativas bíblicas, Weston anda vestido, ao passo que a Dama Verde anda nua, como Eva antes da Queda. É verdade que o Weston possesso consegue episodicamente fazer a Dama Verde vestir roupas, mas sua façanha não perdura e, em seguida, vem a derrota do vilão.

Percebe-se, assim, que a maldade não se apresenta de um só modo ao longo da *Trilogia*. Ela é associável a uma concepção temporal (primeiro livro), e também à Queda de toda a humanidade (terceiro livro); e ela pode mesmo manifestar-se numa possessão demoníaca (segundo livro). Além do mais, ela apresenta outro traço notável não explicitado suficientemente até aqui. Esse traço percorre toda a *Trilogia*. Trata-se da violência física, especialmente com animais. Gerald Root, em seu texto “C. S. Lewis como um Defensor dos Animais”, escreve o seguinte, acerca dos animais na obra ficcional de Lewis:

Os animais não são *per se* centrais para as histórias, embora tenham um grande papel na conclusão da trilogia [espacial] e tragam justiça e julgamento ao mundo. Não obstante, seu papel primário é de fundo, embora o ponto seja apontado constantemente (e consistentemente) que aqueles que são bons nesses livros têm um amor pelos animais e sempre dão espaço a eles. A mansão, onde se mantém Ransom [em *Uma Força Medonha*], é um alojamento de animais. E eles são tratados com gentileza e compõem a vida caseira daquele mundo. Em contraste, os personagens maus, com seus desígnios nefários, que compõem o INEC (Instituto Nacional de Experimentos Coordenados) são todos vivisseccionistas. Embora não seja declarado explicitamente, Lewis faz uma clara ligação nesses livros entre personagens maus e o maltrato de animais. De fato, possivelmente o personagem mais maligno de todos, Weston, cuja maldade faz Lewis simplesmente chamá-lo de “o não-homem” [quando sob posse diabólica, em *Perelandra*], é um vivisseccionista. A perda de sua humanidade é vista em seu desprezo com os animais. A ligação é também vista em outras personagens maus na ficção de Lewis. Tio Andrew, em “O Sobrinho do Mago”, faz experimentos em cobaias e eventualmente faz experimentos nas crianças Polly e Digory. O mago, no poema narrativo *Dymer* de Lewis, atira uma cotovia e, então, em tempo, aponta sua arma para Dymer. Jadis, Rainha de Charn, que se torna a Bruxa Branca de Nárnia, é identificada por sua crueldade característica com animais. Em tudo isso Lewis está fazendo argumentos retóricos em nome dos animais. É uma marca de maldade maltratar animais; é um sinal de

bondade tratá-los bem. Uma pessoa justa assume responsabilidade pelos animais. [...] (ROOT, (s/d), p. 7-8, tradução nossa).

Com efeito, os vilões das histórias de Lewis maltrataram animais, quer deste ou de outro mundo. Weston havia usado o cachorro Tartar para um experimento, no início de *Além do Planeta Silencioso*; no capítulo 9 de *Perelandra*, Weston havia maltratado uma criatura parecida com um sapo (LEWIS, 2003b [1943], p. 93); no capítulo 2 de *Uma Força Medonha*, ao dirigir negligentemente seu carro, Devine, renomeado Lorde Feverstone, atropela uma galinha; o próprio INEC confina animais de vários tipos, e até rapta o sr. Bultitude, o urso residente da mansão de Ransom. Ao passo que Ransom, por exemplo, mata, unicamente por piedade, e com peso no coração, o animal ferido pelo não-homem, em *Perelandra*, para que o animal não mais sofresse.

Pode-se ainda retomar o exemplo de tio Andrew, em *The Magician's Nephew* ou *O Sobrinho do Mago*, mencionado por Root (s/d), ilustrando-o com a seguinte passagem:

Tio Andrew ficou tremendo e balançando de cá para lá. Ele nunca tinha gostado de animais no melhor dos tempos, tendo geralmente certo medo deles; e, é claro que anos fazendo experimentos cruéis em animais aumentou ainda mais seu ódio e medo por eles (LEWIS, 2001 [1955], p. 76, tradução nossa).

A seguinte passagem, do mesmo livro, também é significativa. Nela, o narrador sublinha a inocência dos animais, marcada por seu desconhecimento em relação a qualquer tipo de vestimenta:

Talvez você pense que os animais foram muito bobos para não ver logo que Tio Andrew era o mesmo tipo de criatura das duas crianças e do Cocheiro. Mas você deve lembrar que os animais não sabiam nada a respeito de roupas. Eles pensaram que o vestido de Polly e os trajes de Digory e o chapéu coco do Cocheiro faziam parte deles tanto quanto suas próprias peles e penas. (...) Então era mais que natural que eles ficassem confusos. (p. 77, tradução).

O trecho acima remete discretamente ao mito da Queda em *Gênesis*. Por que os animais são defendidos pelo narrador? Eles não são bobos, apenas inocentes; vivem nus, porque não passaram por nenhuma Queda como os humanos; e usar roupas é uma marca dos seres decaídos, degenerados, maus, os filhos de Adão e Eva, conforme o mito bíblico.

Do exposto até aqui nota-se que e a maldade tem, como uma de suas manifestações notáveis na *Trilogia* – e noutras obras de Lewis –, a violência física, especialmente contra animais. Além de animais, Weston maltrata fisicamente humanos, como Harry, seu jovem empregado, agarrando-o pelo colarinho, no capítulo 1 de *Além do planeta silencioso*, assim como sequestra Ransom para Marte, também um tipo de violência física. Em Marte, no mesmo livro, Weston usa armas de fogo para tentar se defender (assim como seu acólito Devine), além de intencional dizimar eventualmente todos os marcianos, pondo em evidência sua hostilidade para com as mais diversas formas de vida.

Em adição, Ransom, personagem “boa”, leva uma dieta rotulável de vegetariana em suas viagens interplanetárias, embora a palavra “vegetariana” não seja usada. Ransom volta a comer carne, sugere-se, apenas na Terra, durante os acontecimentos do terceiro livro da *Trilogia*. McPhee, no capítulo 12 de *Uma Força Medonha*, aponta a seu ver a contradição de Ransom acolher e cuidar do urso Bultitude, enquanto mantém porcos no chiqueiro, para o *bacon* das refeições, a que Ransom retruca apenas com uma risada, após Ivy Maggs indagar, humoristicamente, “quem já ouviu falar de tentar fazer *bacon* a partir de urso?” (LEWIS, 1996 [1945], p. 259, tradução nossa). Ransom, como ser humano, também é decaído, independentemente de ser cristão. A contradição em seu trato com animais, acolhendo alguns enquanto mata outros para sua alimentação, talvez sugira que Ransom também é mau; afinal, ele descende de Adão e Eva.

O universo da *Trilogia Espacial* de C. S. Lewis apresenta a não simples problemática da maldade a partir de uma concepção teológica cristã, maldade de modo algum redutível a um simples esquema de polos opostos. A presente exposição sobre o tema da maldade na *Trilogia Espacial* poderia acabar por

aqui, mas é possível explorá-la mais. A leitura de outras obras de ficção científica, às quais se remeterá a seguir, contribui para a presente discussão.

Até aqui, tratou-se de “cristianismo” como uma coisa só. Ocorre, no entanto, que o cristianismo pode assumir numerosas formas. O cristianismo de Lewis é do tipo anglicano. Qual a significância disso? Ao se comparar o primeiro episódio da *Trilogia*, *Out of the silent planet*, com o romance *A Wrinkle in Time (Uma Dobra no Tempo)* de Madaline L’Engle, fica sugerida a significância desse anglicanismo. Tomada também pelo *frisson* da *sci-fi* no século XX, a escritora estadunidense Madeleine L’Engle (1918-2007) legou vários romances se valendo do *leitmotif* da viagem espacial. Após uma longa temporada de ateísmo, como ocorreu com Lewis, L’Engle converteu-se ao cristianismo; só que, ao contrário do anglicano Lewis, L’Engle se associou à Igreja Episcopal dos Estados Unidos. Seu romance *A Wrinkle in Time* (1962) conta a aventura da garota Meg e seu irmão caçula Charles Wallace, numa viagem pelo espaço sideral para resgatar seu pai perdido num mundo distante. Os dois são acompanhados pelo garoto Calvin e auxiliados por três estranhas “senhoras” com ar de feiticeiras e detentoras de poderes extraordinários. A busca pelo pai perdido traz à tona uma longa batalha universal que tem sido travada entre a luz e a escuridão, o bem e o mal. Uma “Coisa Escura” tem se alastrado pelo universo e agora ameaça a Terra. Meg resgata o pai no planeta Camazotz, auxiliada por seu amigo Calvin. Depois, tem de voltar para resgatar o irmão caçula, Charles Wallace. Por fim, todos conseguem voltar para a Terra, auxiliados pelas três boas “senhoras”.

O tema da maldade figura entre os temas centrais tanto em *Além do planeta silencioso* do anglicano Lewis quanto em *Uma dobra no tempo* de L’Engle, autora associada à Igreja Episcopal. Entretanto, o mal não se afigura da mesma maneira nos dois romances, não tem a mesma abrangência, e ainda possui repercussões diferentes. Vale a pergunta: terá tal discrepância algo a ver com a disparidade das visões teológicas? Aparentemente, sim.

No livro de Lewis, a maldade se manifesta de maneira mais consistente 1) em todos os humanos, como terráqueos, isto é, criação divina que passou por uma Queda, e agora irremediavelmente torta, diferente dos seres de outros

planetas; 2) num conjunto de ideias, como a concepção de tempo moderna e as ideias darwinianas presentes em Weston (e, dubiamente, em Devine), usadas para justificar a carnificina dos marcianos, e também presente em muitos integrantes da organização conhecida como INEC. De maneira menos consistente, ela ainda se apresentaria 1) através de uma episódica possessão diabólica (segundo livro) e 2) por meio de uma oposição entre ela mesma – Weston, Devine, INEC – e “o bem” – Ransom e os Logres – (terceiro livro). Ainda há a maneira pela qual a maldade *não* se manifesta, contrariando as concepções fantasiosas de alienígenas difundidas por ficcionistas. Como formula Ransom, numa conversa com Oyarsa, no cap. 18 do primeiro livro da *Trilogia*, “Os contadores de histórias no nosso mundo nos fazem pensar que, se há vida para além de nossa atmosfera, ela é maligna” (LEWIS, 2003 [1938], p. 120, tradução nossa).

No livro de L’Engle, por sua vez, a maldade parece se manifestar 1) ora numa “Coisa Escura”, espécie de massa negra que se espalha e se expande no cosmo; 2) ora na conduta de personagens como “o homem dos olhos vermelhos” ou na personagem chamada “AQUELE” – um cérebro sem corpo capaz de controlar mentes; 3) ora no medo, que marca os habitantes do planeta Camazotz. “Não há nada a se temer além do próprio medo” (L’ENGLE, 2007 [1962], p. 109, tradução nossa), diz Calvin, no capítulo 7, ecoando palavras de Franklin D. Roosevelt (1882-1945). Quanto a esse medo, a narrativa confirma a necessidade de vencê-lo para vencer o mal. Também no capítulo 7, Charles Wallace diz: “Temos que nos decidir, e não podemos nos decidir se nossas decisões estão baseadas em medo” (*ibidem*, p. 109).

Quanto à abrangência da maldade, no livro de Lewis, ela parece estar contida somente no planeta Terra e nos seres humanos que passaram pela Queda, ao passo que planetas como Malacandra (Marte) estão livres dele. Num nível individual, porém, o mal parece variar, com o filólogo cristão Ransom mostrando-se muito menos maligno do que o cientista Weston e o capitalista Devine. O interesse comum de Weston e Devine, isto é, colonizar Marte, parece se contrapor às vontades individuais de Ransom (por exemplo, estar livre); e o conhecimento personalíssimo de ordem linguística de Ransom o

ajuda a se adaptar ao ambiente marciano e fazer amigos alienígenas. Assim, o instinto de sobrevivência egoísta de Ransom se mostra, afinal, menos maligno que o objetivo altruísta de perpetuação da espécie de Weston, lembrando a sentença “A estrada para o inferno é feita de boas intenções” (*ibidem*, p.16, tradução nossa), proferida por Charles Wallace no primeiro capítulo do livro de L’Engle. Contudo, os constastes entre as duas obras são grandes.

Em L’Engle, a maldade parece se alastrar por todo o cosmo, com diferenças em cada planeta. Alguns planetas estão dominados pela Coisa Escura, como parece ser o caso de Camazotz, enquanto outros estão momentaneamente livres, como Uriel, e ainda outros estão na iminência de estar totalmente envoltos por ele, como é o caso da Terra. Em L’Engle, a maldade é combatível e remediável, ao passo que em Lewis é irremediável; ela se manifesta no espaço sideral através de uma entidade peculiar, a “Coisa Escura”.

Quanto às consequências da maldade, ela também difere substancialmente nos dois livros. Viu-se que a maldade provinda da Queda, em Lewis, é irremediável, de modo que o planeta Terra, com os humanos, estão para sempre tortos (“*bent*”). A consequência parece ser o planeta torto, decaído, vir a influenciar os que ainda não estão decaídos, de uma maneira ou de outra, tentando colonizá-los (como no primeiro episódio da *Trilogia*) ou tentando levá-los à sua própria Queda (como no segundo episódio da *Trilogia*). Em Lewis, o desequilíbrio da maldade, então, parece ser apenas progressivo ou, na melhor das circunstâncias, retardável, mas sua marcha é irreversível. Em L’Engle, a marcha da maldade tem consequências menos desastrosas, e pode não só ser retardada, mas minguada e enxotada. O mal em L’Engle é como uma névoa errante, ora se espalhando mais, ora menos, ora ficando mais espessa, ora mais fina, flutuando de maneira ameaçadora; mas, não obstante, podendo ser combatida. Desse cotejo entre as duas obras, diferenças ficam evidentes. É razoável supor que essas diferenças estejam vinculadas às visões teológicas contrastantes dos dois autores.

Deixando L’Engle de lado, pode-se tirar proveito também da leitura da obra de H. G. Wells, particularmente de seu romance *The War of the Worlds*

(1898) para um melhor entendimento da maldade na *Trilogia* de Lewis. No primeiro *installement* ou episódio da *Trilogia*, *Além do Planeta Silencioso*, as referências a Wells não poderiam ser mais explícitas. Dois exemplos: 1) na nota inicial do romance, lê-se: “[...] O autor lamentará se algum leitor supuser que ele seja assaz bobo para ter apreciado as fantasias do sr. H. G. Wells, ou assaz ingrato para não reconhecer sua dívida para com elas” (LEWIS, 2003a [1938], p. 7, tradução nossa); 2) no capítulo 8, o narrador descreve os *sorns*, uma das variedades de marcianos, com quem o protagonista Ransom havia se deparado.

Mas Ransom não estava pensando nos *sorns* – pois sem dúvida aqueles eram os *sorns*, aquelas criaturas para as quais eles [Weston e Devine] tentaram entregá-lo. Eles eram bastante diversos dos horrores que sua imaginação havia conjurado, e que por essa razão o pegaram de surpresa. Eles se afastavam das **fantasias wellsianas**, rumo a um complexo de medos mais primevo, quase infantil [...] (*ibidem*, p. 48-49, grifos nossos).

Como se vê, o segundo exemplo dado descreve os marcianos não como monstros cruéis, mas simplesmente como criaturas estranhas. Em Wells, os marcianos 1) inspiram medo e 2) são violentos.

Inspiram medo, é verdade (1), mas não um medo puro. Os primeiros contatos do narrador de *A Guerra dos Mundos* com o corpo cilíndrico que veio de Marte são marcados tanto por temor quanto por curiosidade. No capítulo 5 do primeiro livro, o narrador wellsiano formula, ante o misterioso marciano: “Eu era um campo de batalha de medo e curiosidade” (WELLS, 2017 [1898], p. 23, tradução nossa).

Os marcianos são violentos, é verdade (2), o que não quer dizer, todavia, que os humanos não o sejam. O narrador em primeira pessoa de Wells, em seu romance, sublinha também a marca da violência presente nos seres humanos. Ele diz, já no primeiro capítulo:

E antes que façamos julgamentos muito duros em relação a eles [os marcianos], devemos nos lembrar da cruel e total destruição que nossa própria espécie levou a cabo, não apenas no tocante a

animais, [...] mas também no tocante a raças inferiores [...] (p. 5, tradução nossa).

Além de uma ideologia racista apreensível no trecho acima, no parágrafo precedente do mesmo capítulo, o narrador de Wells parece justificar, resignado, a carnificina dos humanos pelos marcianos, ecoando o postulado darwiniano de que “a vida é uma luta incessante pela existência” (*ibidem*, p. 5). Sua justificativa para a violência dos marcianos também se estende ao longo dos primeiros capítulos. Portanto, tanto em Lewis quanto em Wells os seres humanos são violentos. A diferença fundamental é esta: em Lewis, os seres humanos agem de maneira “torta” porque passaram pelo episódio bíblico da Queda, ao passo que em Wells, agem de maneira “naturalmente” violenta, segundo os impulsos naturais da luta pela vida, de acordo com a teoria darwiniana. A fala do narrador acerca de “raças inferiores” remete também a concepções racistas comuns no século XIX. Em contrapartida, a visão de Lewis de que todos os seres humanos são decaídos iguala todos os humanos, mesmo que “naturalizando” e justificando teologicamente, a seu modo, a violência – manifestação recorrente do mal.

Significativamente, por meio de intertextualidade, remete-se a características do marciano wellsiano na *Trilogia* de Lewis – uma forma de intertextualidade implícita. (Para tipologias de intertextualidade, incluindo conceitos de intertextualidade explícita, implícita, temática, estilística etc., consultar Koch (2007). No capítulo 2 do segundo livro de *Guerra dos Mundos*, o leitor é informado que os marcianos não dormem, traço que reaparece no Weston possesso, em *Perelandra*. O marciano de Wells não tem sistema digestivo e se nutre de sangue de suas vítimas, justamente o que Weston e Devine pensam – erroneamente – dos marcianos em *Out of the Silent Planet*. Ransom informa a Oyarsa, no cap. 18, que “eles [Weston e Devine] acham que os *eldila* bebem sangue” (LEWIS, 2003 [1938], p. 120). O marciano de Wells é cabeçudo; sua cabeça toma boa parte das dimensões de seu corpo: em *Uma Força Medonha*, um dos “cabeças”/líderes do INEC chama-se “The Head”. Outrossim, o marciano de Wells não faz sexo: o personagem Filostrato em

Uma Força Medonha gostaria que o sexo fosse abolido do âmbito humano (LEWIS, 1996 [1945], p. 170). Há uma ideia corrente nessas obras de que existe a possibilidade de alteração dos seres vivos em conformidade com a teoria da evolução de Darwin. Tanto em Lewis como em Wells existe algo de macabro nessas formas estranhas de vida, que inspiram medo e parecem ser, elas mesmas, uma outra manifestação da maldade.

Referências:

- DEMY, Timothy J. “A Necessary Evil”: CS Lewis and Government in a Technological Age. *Synesis: A Journal of Science, Technology, Ethics, and Policy*, 2013.
- KOCH, Ingedora G Villaça. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.
- L’ENGLE, Madeleine. *A Wrinkle in Time*. Londres, Puffin Books, 2007.
- LEWIS. C. S. *That Hideous Strength*. Scribner: Nova York, 1996 [1945].
- _____. The Magician’s Nephew. In: *The Chronicles of Narnia*. Ilustrações Pauline Baynes. Estados Unidos: HarperCollins, 2001.
- _____. *Out of The Silent Planet*. Scribner: Nova York, 2003a [1938].
- _____. *Perelandra*. Scribner: Nova York, 2003b [1943].
- _____. *Além do Planeta Silencioso*. Trad. Waldea Barcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2010 [1938].
- _____. *Perelandra*. Trad. Waldea Barcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1943].
- _____. *Uma Força Medonha*. Trad. Waldea Barcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2012 [1945].
- PAZ, Octavio. *Los hijos del limo. Del romanticismo a la vanguardia*. 3 ed. Barcelona: Seix Barral, 1990.
- ROOT, Gerald. C. S. Lewis as an Advocate for Animals. In: *The Humane Society of the United States*, (s/d).
- WELLS, H. G. *The War of the Worlds*. Grã-Bretanha: William Collins, 2017.